

**Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados: reflexões em duas escolas de  
Porto Nacional-TO<sup>1</sup>**

**Notions of Crisis and Endings in (Shared) worlds: Reflections in Two Schools in  
Porto Nacional – TO**

Thaís Valéria Guimarães dos Santos <sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Sileide Cunha Damacena Almeida <sup>3</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Rejane de Souza Ferreira <sup>4</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este relato de experiência tem o objetivo de descrever como se desenvolveu o curso de extensão intitulado "Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados", no município de Porto Nacional-TO, a partir da Universidade Federal do Tocantins em duas escolas estaduais, Ana Macedo Maia e Marechal Artur da Costa e Silva. Este curso foi uma das ações previstas no projeto "Poéticas e políticas do fim na América Latina contemporânea", contemplado pela chamada pública MCTI/CNPq n.º 14/2023. O curso visou estreitar a distância entre a universidade e a escola, promovendo a consciência crítica acerca de catástrofes ambientais, através de exemplos literários, visuais e jornalísticos de diferentes espaços, partindo do Chile e finalizando com ênfase no estado de Tocantins, sobretudo a cidade de Porto Nacional, onde habitam os participantes do

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta de pesquisa e extensão desenvolvidas no escopo do projeto "Poéticas e Políticas do Fim na América-Latina Contemporânea", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, através da Chamada Pública MCTI/CNPq n.º 14/2023 – Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação".

<sup>2</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, Graduada em Letras - Inglês e Respectivas Literaturas pela mesma universidade e discente da Licenciatura em Letras: habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas. Atualmente é professora efetiva da rede estadual de educação SEDUC-TO. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0042741992914079>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8993-7304>. Email: [thais.valeria@mail.uft.edu.br](mailto:thais.valeria@mail.uft.edu.br)

<sup>3</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Possui graduação em Letras Inglês/Português pela Fundação Universidade do Tocantins (2001), pós-graduada em Estudo de Gramática de Texto pela Fundação Universidade do Tocantins (2004). Desde 2002 é professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Tocantins. Lattes: <https://orcid.org/0009-0006-9933-0561>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9933-0561>. Email: [sileide.damacena@uft.edu.br](mailto:sileide.damacena@uft.edu.br)

<sup>4</sup> Realizou estágio Pós-doutoral em Estudos Latino-americanos na Universidad de Chile (2026) e em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (2022), o primeiro com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, via o projeto "Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea". É Doutora e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, onde também se licenciou em Letras Português/Inglês. Teve apoio da CAPES durante seu doutorado sanduíche na University College Dublin (2013). É professora associada de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Tocantins, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2762142240750530>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2561-4581>. Email: [rejaneferreira@uft.edu.br](mailto:rejaneferreira@uft.edu.br)

curso. Os encontros foram fundamentados principalmente na problematização da temática do fim do mundo proposta por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2017) e na crítica ao humanismo que situa o humano em superioridade às demais espécies, tratando o planeta como recurso para o acúmulo de capital, com base nas ideias de Isabelle Stengers (2014), Anna Tsing (2015) e Donna Haraway (2016), para citar algumas. A partir das discussões guiadas pela professora da universidade, os professores das escolas levaram para suas aulas o debate em pauta para os alunos do ensino fundamental e médio. Ao final, eles produziram imagens próprias e releituras de paisagens comprometidas pelas consequências das ações humanas alicerçadas em discursos de defesa do progresso e desenvolvimento. As melhores produções foram selecionadas e reproduzidas em cianótipos que foram fotografados para compor o portfólio final do projeto principal e devolvidos para os alunos. A fase da cianotipia contou com a colaboração de Alexandre Antunes, professor de química do Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão (Rio de Janeiro), integrante do projeto-mãe.

**Palavras-chave:** catástrofes ambientais; memória; resistência; ensino superior; educação básica.

**Abstract:** This experience report aims to describe the development of the extension course entitled “Notions of crisis and endings in (shared) worlds”, carried out in the municipality of Porto Nacional, in the state of Tocantins, with the support of the Federal University of Tocantins, in two public state schools: Ana Macedo Maia and Marechal Artur da Costa e Silva. This course was one of the actions included in the project “Poetics and Politics of the End in Contemporary Latin America”, funded by the public call MCTI/CNPq no. 14/2023. The course sought to bridge the gap between the university and the school by promoting critical awareness of environmental catastrophes through literary, visual, and journalistic examples from different contexts, beginning with Chile and concluding with an emphasis on the state of Tocantins, especially the city of Porto Nacional, where the participants live. The sessions were primarily grounded in the problematization of the end of the world proposed by Déborah Danowski and Eduardo Viveiros de Castro (2017), as well as in the critique of human individualism that considers itself superior to other species and treats the planet as a resource for capital accumulation, drawing on the work of Isabelle Stengers (2014), Anna Tsing (2015), and Donna Haraway (2016), among others. Based on discussions guided by the university professor, schoolteachers incorporated these debates into their classes with primary and secondary students. As a result, students produced original images and reinterpretations of landscapes affected by the consequences of human actions grounded on a progressive discourse. The best works were selected and reproduced as cyanotypes, which were then photographed to compose the final portfolio of the main project and returned to the students. The cyanotype phase included the collaboration of Alexandre Antunes, a chemistry teacher from Colégio Pedro II, São Cristóvão campus (Rio de Janeiro), a member of the core project.

**Keywords:** environmental catastrophes; memory; resistance; higher education; basic education.

**Submetido em 23 de abril de 2026.**

**Aprovado em 19 de maio de 2026.**

*Our era of human destruction has trained our eyes only on the immediate promises of power and profits. This refusal of the past, and even the present, will condemn us to continue fouling our own nests (Gan et al., 2017).*

## Introdução

A epígrafe acima, extraída da introdução de *Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene*, de Eliane Gan et al, nos força a olhar o mundo

através de lentes que a sociedade ocidental capitalista desde seu início se recusa a utilizar e se esforça em nos fazer acreditar serem distorcidas e inúteis. Contudo, nas últimas quatro décadas, tem sido crescente o número de pesquisadores científicos, artistas e intelectuais de diferentes áreas que as vêm polindo, ajustando e posicionando frente à sociedade, que tem dessa forma sido direcionada a repensar alguns conceitos até então solidificados.

O termo Antropoceno foi proposto pelos cientistas Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer, nos anos 2000, para designar a atual era geológica da Terra (Ferreira, 2023). Apesar de sua popularização a partir de então, Jan Zalasiewicz et al (2011) o fazem remontar o século XIX, a partir da obra *Man and Nature* (1864), de George Perkins Marsh, a qual foca no caráter antropogênico das mudanças climáticas relacionando com a proposta do geólogo italiano Antonio Stoppani, de uma era Antropozóica, para abordar o período dessa mudança. Adam Trexler (2015), por sua vez, aponta a dificuldade de datar o início dessa era, e menciona como possibilidades o momento da invenção da máquina a vapor por James Watt, em 1784; ou os testes nucleares da Guerra Fria, na década de 1950; ou o início da agricultura humana de dez a doze mil anos atrás. Independentemente de quando surgiu essa nova era, seu grau de reconhecimento e a polêmica em torno de sua nomenclatura<sup>5</sup>, o fato é que temos tido que aprender a viver num planeta em ruínas, como definiu Anna Tsing (2015), ou como nos recomendou Donna Haraway (2016) e nos reforçou Tsing e outros intelectuais na obra mencionada na epígrafe, para citar apenas alguns exemplos.

Diante dessa realidade, a literatura, o cinema e demais artes de modo geral, assim como outros produtos de entretenimento, têm explorado cada vez mais a temática do fim do mundo em incessantes tentativas de imaginar o porvir (Danowski; Viveiros de Castro 2017; Gomes 2020), de modo que a reflexão acadêmica mal consegue acompanhar tantas produções. Mas ainda que esse conteúdo seja amplamente consumido, a percepção do fim permanece ficcional para a maioria das pessoas até que elas possam vivenciar o apocalipse por si mesmas. Sem falar da simultaneidade em que o discurso negacionista se fortalece e presidentes da extrema direita, principais representantes desse discurso, são eleitos e reeleitos em diferentes países do mundo. Contudo, nosso propósito não é denunciar posicionamentos políticos de direita e tampouco defender posicionamentos de esquerda, que muitas vezes sustentam o mesmo discurso, conforme a própria

---

5 Cf. Ferreira (2023).

conveniência; mas mencionar que apesar da gravidade da pauta aqui exposta, ela é facilmente negada ou subestimada.

Diante disso, pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e da zona central do Chile, que já vinham explorando a temática do fim em suas aulas e pesquisas, motivados pela chamada pública do CNPq MCTI/CNPq nº 14/2023, se reuniram para propor o projeto "Poéticas e políticas do fim na América Latina contemporânea", a fim de compartilhar conhecimento entre si e promover ações de educação, popularização e divulgação científica para amplos setores da sociedade, dentre outras ações a serem desenvolvidas no intervalo de três anos. Uma dessas ações foi o curso de extensão "Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados", realizado no norte do Brasil, no primeiro semestre de 2025, a partir da Universidade Federal do Tocantins (UFT) em duas escolas de Porto Nacional, onde está estabelecido o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) desta universidade. A proposta partiu do entendimento de que a escola é um espaço privilegiado de trocas: os conteúdos aprendidos por crianças e jovens frequentemente ultrapassam o ambiente escolar, alcançando o cotidiano familiar, ao mesmo tempo em que as vivências domésticas e comunitárias também são compartilhadas no espaço educativo, ampliando as possibilidades de aprendizagem coletiva (Santos, 2023).

O curso foi direcionado para a equipe de professores da área de linguagens das escolas selecionadas e procurou se enquadrar da melhor maneira possível à realidade de cada uma; por isso, ele não foi oferecido simultaneamente para ambas no espaço acadêmico da UFT, mas em dias distintos no próprio espaço escolar de cada unidade. Além disso, a professora responsável pelo mesmo tinha o interesse de descobrir as particularidades de cada escola e fazê-las voltar o olhar sobre sua própria realidade e o contexto social de seus alunos, a fim de provocar a autopercepção dentro do contexto macro que o Antropoceno envolve. Por essa razão, pelo conhecimento tácito de que a maior parte da ficção acerca do fim consumida por nós brasileiros é produzida pelo hemisfério norte, e pelo fato de nenhuma catástrofe "natural"<sup>6</sup> ter atingido diretamente o Tocantins ainda, o curso foi conduzido a partir do mapeamento de alguns exemplos de diferentes representações do fim do mundo no imaginário contemporâneo. Partiu-se do contexto global, depois, afinou-se para o contexto da América Latina, em seguida foram resgatados os desastres ambientais mais recentes do Brasil, discutiu-se as principais

---

<sup>6</sup> As aspas contêm ironia, pois para Isabelle Stengers (2014), nenhuma catástrofe é realmente natural, mas reações da natureza para as ações humanas.

causas até, por fim, resgatar o represamento do rio Tocantins para a construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães. Cada encontro foi guiado por um texto literário que servia como ponto de partida para discussão sobre as catástrofes ambientais e a responsabilidade humana dentro de cada contexto. Ao longo das discussões, eram pensadas formas de também discutir esse conteúdo para com os alunos das escolas de forma que, depois, eles reproduzissem uma imagem visual representativa da síntese das discussões somada às suas próprias interpretações de “fim”. Ao final, as coordenadoras de área de linguagem das escolas selecionaram as melhores imagens para a oficina de cianotipia, detalhada na seção 3. As obras utilizadas como embasamento para as discussões foram retiradas do *corpus* de obras latino-americanas constituído para esse fim pelos integrantes do projeto "Poéticas e políticas do fim na América Latina contemporânea", a saber: o romance *Chilco*, de Daniela Catrileo, e os livros de poemas *O gosto amargo dos metais*, de Prisca Auguston, e *O porto submerso*, de Pedro Tierra. Detalharemos a seguir como o curso foi executado em cada uma das escolas participantes.

### **1. Práticas e Saberes: a Experiência da Escola Estadual Ana Macedo Maia**

A iniciativa do curso de extensão "Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados" favoreceu o diálogo entre os saberes produzidos no âmbito universitário e as vivências dos professores da Escola Estadual Ana Macedo Maia, criando um espaço de troca e construção coletiva do conhecimento. Além disso, permitiu que o saber científico produzido no ensino superior fosse levado aos alunos da educação básica, ampliando a formação crítica e reflexiva desses alunos.

A realização dessa atividade foi favorecida pelo fato de a coordenadora da área de linguagens da escola ser aluna do mestrado em Letras da UFT, e ter tomado conhecimento de que esse curso estava prestes a se realizar em outra escola, solicitando que ele também pudesse ser oferecido onde ela atua. A coordenadora de área compreendeu que a articulação com um projeto que envolvia diferentes universidades, inclusive instituições estrangeiras, representava uma oportunidade significativa de enriquecimento formativo para os professores de sua equipe. Essa parceria poderia ampliar o olhar de seus colegas sobre ações futuras, especialmente aquelas já desenvolvidas na unidade escolar relacionadas ao meio ambiente, como as discussões sobre queimadas, recorrentes anualmente no estado do Tocantins. Nesse sentido, o curso não apenas reforçaria iniciativas já existentes, mas também contribuiria para a construção de novas perspectivas, com diferentes olhares, possibilitando a introdução de abordagens mais

críticas, interdisciplinares e atualizadas acerca das questões ambientais no contexto acadêmico e escolar.

Outro fator que contribuiu para a possibilidade de o curso de extensão também acontecer na Escola Estadual Ana Macedo Maia, foram as reuniões semanais que a coordenadora da área de linguagens realizava semanalmente com sua equipe para elaborar o planejamento coletivo. Como essas reuniões costumam ter dois momentos, foi acordado que o curso de extensão ocuparia um deles com o propósito de contribuir para a formação dos professores ao longo de cinco semanas. Cada encontro teve a duração de duas horas, garantindo, assim, a continuidade das discussões e o desenvolvimento das atividades propostas. O curso foi cuidadosamente inserido no início do período de planejamento, de modo a não comprometer nem interferir no andamento das atividades já previstas para os professores. Essa estratégia permitiu que a formação fosse integrada à rotina pedagógica de forma harmoniosa, respeitando o cronograma escolar e as demandas já estabelecidas. Assim, garantiu-se a participação efetiva dos docentes sem sobrecarga de trabalho, favorecendo o engajamento nas discussões e nas propostas do curso, ao mesmo tempo em que se manteve a continuidade das ações pedagógicas planejadas para o período.

Um ponto forte do curso foi a flexibilidade que os professores em formação tiveram para implementar o conteúdo adquirido em suas próprias aulas, considerando a diversidade dos componentes curriculares dos participantes: Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Libras. A partir das discussões propostas ao longo do curso, os professores refletiram sobre como introduzir a temática em suas práticas pedagógicas e desenvolver novas atividades com os estudantes dentro de suas próprias disciplinas. Esse momento favoreceu o diálogo entre os envolvidos e possibilitou a construção conjunta de propostas pedagógicas a serem desenvolvidas ao longo do projeto, resultando, posteriormente, em uma exposição dos trabalhos produzidos e na realização de uma roda de conversa para a socialização e reflexão sobre as experiências vivenciadas.

No primeiro encontro junto aos professores, foi apresentada a proposta do curso e o projeto ao qual ele estava vinculado. Em seguida, houve uma discussão a fim de problematizar o tema do fim do mundo, que pode ser compreendido não apenas como um evento apocalíptico religioso, mas como um conceito presente em diversas culturas, narrativas e campos do conhecimento, com base nas obras de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2017) e Ailton Krenak (2019). Nessa aula, destacou-se a relevância do tema na contemporaneidade, considerando o acúmulo de debates sobre a

mutação ecológica,<sup>7</sup> suas causas e suas consequências socioambientais. Os professores foram instigados a refletir sobre o papel da humanidade tanto como agente quanto como vítima desses processos, ampliando a compreensão crítica sobre a realidade atual. Outro ponto importante abordado foi a proposta de integração entre universidade e escola, que constitui um dos principais objetivos do projeto de extensão. Foi enfatizada a importância da troca de saberes entre os diferentes sujeitos envolvidos professores, alunos e comunidade, valorizando tanto os conhecimentos acadêmicos quanto as experiências vividas no cotidiano escolar e familiar.

Ao longo do curso, cada professor foi definindo a forma de abordagem da temática em sala de aula, bem como a turma em que o trabalho seria desenvolvido. No 7º ano, optou-se por associá-lo ao componente curricular de Arte juntamente com um dos conteúdos previsto na Matriz Curricular<sup>8</sup>, relacionado ao objeto de conhecimento que envolve a leitura da composição visual, sonora e gestual presente nas manifestações culturais tocantinenses. A proposta teve como objetivo ampliar a capacidade dos alunos de compreender como diferentes linguagens artísticas se articulam na construção de sentidos e na representação da realidade local, promovendo uma leitura mais sensível e crítica do contexto em que estão inseridos. Como estratégia de contextualização, foram utilizados alguns poemas do livro *O porto Submerso*, de Pedro Terra, que serviram como ponto de partida para a discussão sobre as transformações ocorridas na cidade de Porto Nacional em decorrência da construção da usina. Esses poemas foram um dos textos literários que já haviam sido previamente discutidos durante o curso.

*O Porto Submerso* retrata, de maneira sensível e crítica, as transformações provocadas pelo falso progresso na região do Tocantins, sobretudo a partir da construção da usina. Por meio de imagens simbólicas, como o rio interrompido pela barragem, o autor evidencia a ruptura entre passado e presente, revelando a submersão não apenas de espaços físicos, mas também de memórias, identidades, culturas e modos de vida. Ao longo da obra, um percurso poético é construído dando voz à coletividade atingida, expressando sentimento de perda, deslocamento, resistência e pertencimento diante das mudanças impostas pela modernidade.

---

<sup>7</sup> Termo criado por Bruno Latour para se referir a transmutação do planeta que já está tão entranhada que não se pode reverter. Cf. Latour (2020).

<sup>8</sup> Documento anual encaminhado pela Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC) às escolas, contendo os descritores e os objetos de conhecimento que orientam o processo de ensino e aprendizagem ao longo do ano letivo.

A partir da leitura e discussão desses trechos, os alunos foram incentivados a refletir sobre os impactos sociais, culturais e ambientais decorrentes desse processo, ampliando sua compreensão acerca da realidade local. Além disso, estabeleceram relações entre a literatura e o contexto em que estão inseridos, reconhecendo a arte como uma importante forma de registro, denúncia e preservação da memória coletiva. Esse movimento contribuiu para o desenvolvimento de um olhar mais crítico e sensível, ao mesmo tempo em que possibilitou a articulação entre diferentes linguagens e fortaleceu a percepção dos estudantes sobre sua própria identidade cultural.

Destaca-se, ainda, que a escolha da obra despertou um significativo sentimento de pertencimento nos alunos por se tratar de um livro que aborda a história de Porto Nacional, cidade em que nasceram e cresceram. A leitura aproximou os estudantes de narrativas muitas vezes desconhecidas por eles, mas presentes na memória de seus familiares e da comunidade. Esse contato motivou diálogos para além da sala de aula, incentivando os alunos a conversarem com pais, avós e conhecidos, ampliando, assim, o repertório cultural e histórico, o que estava incluído nos objetivos do curso. A valorização da literatura produzida no contexto local evidenciou que a literatura portuense é viva, significativa e essencial.

Em seguida, foi proposta uma atividade prática em que os estudantes deveriam produzir trabalhos artísticos abordando temas como meio ambiente, queimadas e degradação ambiental. A atividade buscou incentivar a expressão criativa por meio de diferentes linguagens, como desenho, colagem, música ou encenação, valorizando a interpretação individual e coletiva dos conteúdos trabalhados. Também foi explicado que essas produções seriam posteriormente transformadas em cianótipos, o que despertou ainda mais interesse dos alunos pela proposta, ao contarem com a possibilidade de uma técnica artística diferenciada e pouco conhecida por eles. A turma demonstrou envolvimento com a proposta, especialmente ao ser informada de que o projeto contava com a participação de pessoas de outro país. Esse aspecto despertou entusiasmo e curiosidade, ampliando o interesse pelas atividades e fortalecendo o sentimento de pertencimento a uma iniciativa que ultrapassa o contexto local.

A seguir, algumas das produções que os alunos da turma desenvolveram:

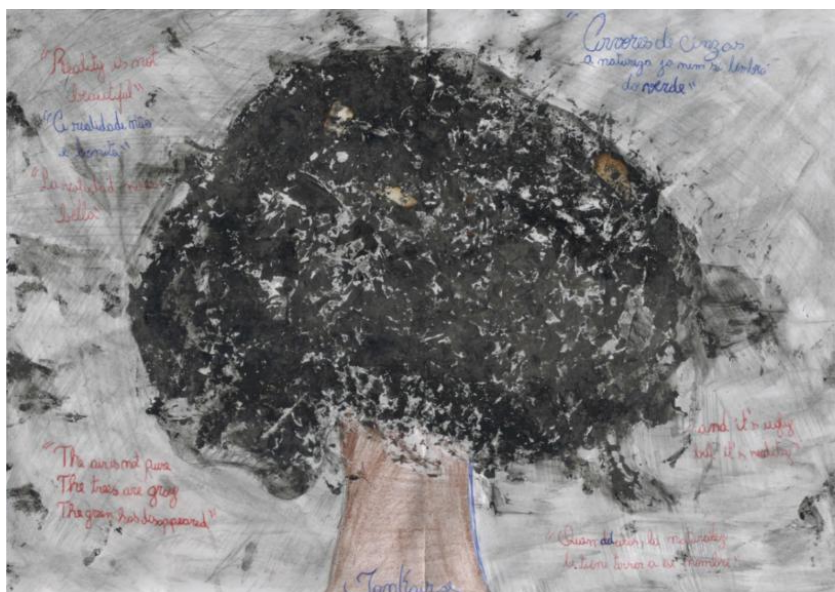


Figura 1. Desenho: Ian Kairos de Andrade. Foto: Thaís Valéria.

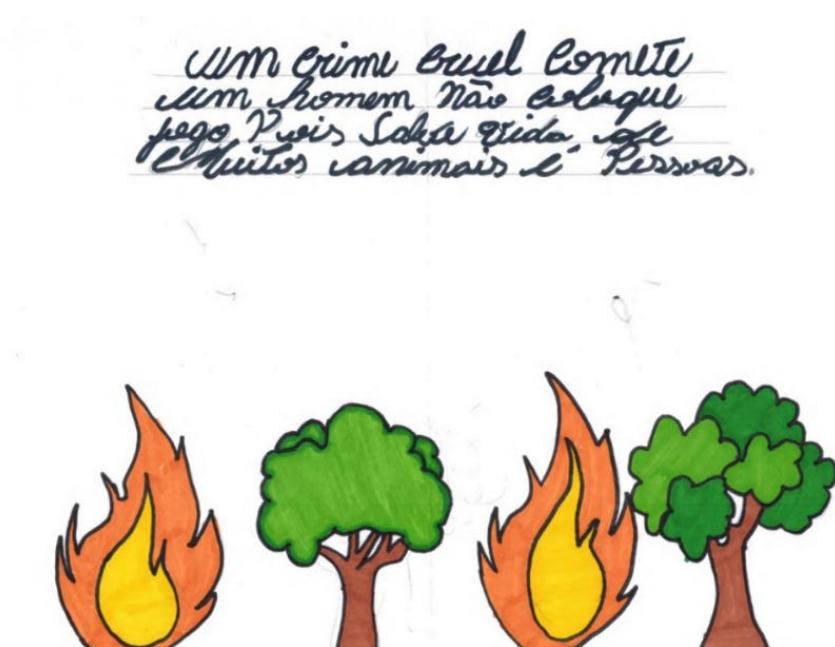


Figura 2. Desenho: Geovanna Ribeiro. Foto: Thaís Valéria.

Os trabalhos apresentados evidenciam, com maior frequência, elementos de desenho, em conformidade com a proposta desenvolvida ao longo das atividades, mas houve também alunas que optaram por expressar suas elaborações dos temas tratados por meio de produções textuais. A diversidade de produções revela não apenas o engajamento da turma, mas também a valorização de diferentes modos de expressão artística e escrita no processo de aprendizagem. Na figura 1, por exemplo, o aluno relatou ter utilizado um papel encontrado na rua como suporte para a construção da árvore de cinzas, incorporando ao trabalho uma perspectiva sustentável e simbólica. Em suas palavras:

“optei por usar papel reciclado. Entendi que a aula falava sobre ser sustentável e proteger o meio ambiente, por isso tive a ideia de usar as folhas de um caderno que estavam em um terreno abandonado perto da minha casa” (Ian, 13 anos). A escolha do material evidencia uma relação sensível com o ambiente e reforça o caráter criativo da atividade, ao transformar um elemento descartado em parte significativa da composição artística. Na Figura 2, a aluna Geovana utilizou imagens do fogo e de árvores, associadas a uma frase, para representar o crime ambiental cometido pelo ser humano ao destruir a fauna e a flora por meio das queimadas.

Como culminância do processo, a professora da turma organizou uma exposição com as atividades desenvolvidas, promovendo a socialização dos trabalhos e valorizando as produções dos estudantes no espaço escolar. Além disso, entregou aos alunos os cianótipos produzidos, permitindo que cada um tivesse acesso ao resultado de sua criação artística, fortalecendo o sentido de pertencimento e reconhecimento pelo trabalho realizado.

## **2. Do PPGLetras/UFT à Escola Estadual Marechal Artur da Costa e Silva**

Desde o início, o plano era conduzir o curso “Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados” na Escola Estadual Marechal Artur da Costa e Silva (mais conhecida como Costa e Silva), uma vez que quando a coordenadora da área de Linguagens e Códigos dessa escola foi aprovada no mestrado do PPGLetras/UFT, sua orientadora já fazia parte do projeto “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea” e buscava uma escola para implementar o curso de extensão previsto no projeto mencionado. Ademais, alguns meses antes do início do curso, a coordenadora de área da escola teve a oportunidade de cursar uma disciplina modular ofertada pelo coordenador do projeto supracitado numa parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense (POSLIT/UFF) e o PPGLetras/UFT. As obras estudadas e a riqueza das discussões realizadas ao longo dessa disciplina foram despertando na coordenadora de área do Costa e Silva novas ideias e referenciais para se trabalhar a educação ambiental que é um componente essencial e permanente na educação brasileira, garantido pela Lei Federal nº 9.795/1999, alterada em 2024 "para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental" (Lei nº14.926/2024). Até então, a escola havia trabalhado apenas com temas voltados para a realidade local e nacional, como poluição, desmatamento e queimadas,

dentre outros, de acordo com o calendário escolar e as propostas curriculares. Essas questões eram trabalhadas na rotina escolar incentivando o cuidado com a limpeza do ambiente, a separação do lixo para descarte e reciclagem e o cuidado com o material escolar, e em datas específicas como as feiras de ciências, por exemplo, nas quais os alunos apresentavam os trabalhos realizados em sala de aula com o apoio dos professores e das coordenações pedagógica e de área. A participação na disciplina ofertada pelo professor André Cabral de Almeida Cardoso, da UFF, e no curso ministrado pela professora Rejane Ferreira, da UFT, proporcionou uma nova visão que fortaleceu as ações costumeiras e adicionou suporte literário com obras contemporâneas que revelam as consequências ambientais que acompanham o chamado progresso da humanidade, atendendo à nova abrangência da Lei nº14.926/2024.

Semelhante à forma como aconteceu na escola Ana Macedo, no Costa e Silva, o curso correspondeu à cinco encontros com duração de 2 horas semanais, no espaço escolar, durante o Planejamento da Área de Linguagens e Códigos, envolvendo os professores de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Redação, Artes e Educação Física. O curso contribuiu para a formação dos professores, promovendo reflexões sobre as mudanças climáticas, o fim de mundos e a abordagem dessas temáticas no contexto escolar e extraescolar, viabilizando a interdisciplinaridade.

No primeiro encontro formativo, a professora Rejane Ferreira, assumindo o papel de formadora, apresentou a proposta do curso e do projeto a que ele está atrelado e provocou os professores a refletirem sobre os diferentes tipos de fim a partir de uma dinâmica. Na sequência, os professores da escola expuseram suas perspectivas sobre a ideia de fim, refletiram sobre a proposta do curso e expuseram suas opiniões sobre a viabilidade de abordarem/trabalharem a temática com os estudantes nas salas de aula. Alguns deles apontaram para a dificuldade de levar o tema para as aulas por não conseguirem visualizar de que forma fariam esse trabalho com os discentes. Nesse ponto, a professora formadora sugeriu algumas possibilidades de abordagem, principalmente para as disciplinas de Língua Inglesa e Educação Física.

Nos segundo e terceiros encontros, a professora Rejane Ferreira trouxe textos das poetisas e escritoras Daniela Catrileo e Prisca Agustoni e do poeta e escritor Pedro Tierra que incluem reflexões sobre a ideia de fim em diferentes perspectivas. A partir da leitura, das análises literárias e dos comentários a respeito de cada uma das obras, articulou-se o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula com turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A professora de produção artística levou para a turma da Jornada Ampliada o poema “É uma turbina que esmaga”, de Prisca Agustoni, assim como as reflexões prévias que haviam sido feitas nos encontros. Ela fez a leitura do poema para os estudantes comentando alguns versos e mencionando os desastres de Mariana e Brumadinho. Também assistiram a reportagens no Youtube sobre esses desastres, lembrando os anos em que aconteceram as tragédias e como ficaram as cidades atingidas. Para aprofundar um pouco mais a discussão sobre a temática, assistiram a um vídeo sobre mineração que mostrava como funcionam as barragens e seu poder de destruição quando se rompem, seguindo-se um debate entre os alunos. Após esse trabalho, a professora solicitou aos estudantes uma produção artística – um desenho – a partir do que fora abordado no poema, na sessão de comentários e nas reflexões levantadas ao longo desse processo.

Com a turma da 3ª série do Ensino Médio, a professora de língua portuguesa solicitou aos estudantes uma pesquisa sobre a formação do Lago da Usina Luiz Eduardo Magalhães, que ocasionou o fim de uma parte da cidade de Porto Nacional, apagando parte da história e a de muitos moradores. A professora também selecionou várias fotos a partir do perfil do *Facebook* Revivendo Porto Nacional – no qual é possível visualizar o que foi inundado pelo lago – casas, construções históricas, praias – e levou para os alunos, uma vez que eles ainda não eram nascidos quando o lago foi formado. A pesquisa também serviu de base para o trabalho final das Atividades de Extensão, previstas aos mestrandos do PPGLetras/UFT. Nesse ponto, essa professora de língua portuguesa do Costa e Silva estabeleceu uma parceria com duas colegas do mestrado e juntas conduziram uma oficina intitulada “Caminhos da Literatura Tocantinense: dos versos de Pedro Terra à prosa de Lita Maria” que abordou poemas do livro *O Porto Submerso* de Pedro Terra e trechos do livro de Lita Maria *Sobre Dora e dores*, na qual recordaram um pouco da história de Porto Nacional e fizeram reflexões a partir de relatos de moradores que viram de perto as transformações socioambientais que aconteceram na cidade após a formação do lago. A partir dessas reflexões e das fotografias apresentadas, foi solicitado aos estudantes que escolhessem um cenário que pudesse retratar as lembranças e os desastres perceptíveis que hoje se observam em Porto Nacional. Alguns dos resultados dessas ações serão discutidos a seguir.

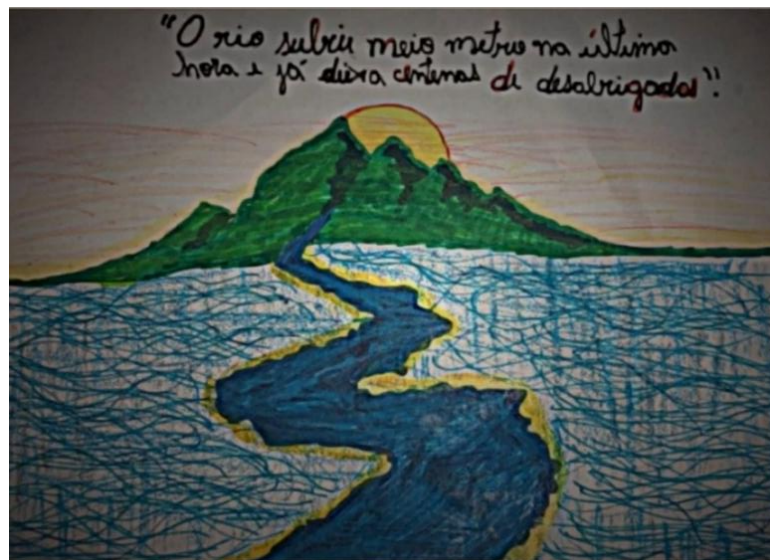


Figura 3: Desenho: Leon Godinho. Foto: Sileide Damacena.

A figura 3 retrata o rio subindo e invadindo as áreas verdes e as residências da cidade, destruindo o modo de vida e os meios de subsistência de povos tradicionais. O aluno representou o rio em azul com um tom mais forte, o que lhe confere a sensação de originalidade, de antecessor, primeiro. Já o alagamento é desordenado, sem estética agradável, provocando incômodo e incorporando a realidade de destruição e alteração artificial na geografia local. A frase incluída no desenho, em tom informativo, amplia o alcance do desenho: não se trata apenas de uma expressão individual, mas de uma denúncia social historicamente situada: a formação do lago após a construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, no Tocantins, em 2002. Nesse sentido, sua produção evidencia não apenas empatia, mas também uma compreensão crítica dos impactos sociais decorrentes de grandes empreendimentos.



Figura 4. Desenho: Lídia Emanuelle Rodrigues. Foto: Sileide Damacena.

A figura 4 representa a antiga Praia Porto Real, um lugar muito importante para a história da cidade. A praia era um espaço de lazer e convivência, mas acabou sendo

tomada pelas águas depois da formação do lago com a construção da usina. Hoje ela não existe mais da forma como era, mas continua sendo lembrada como parte da memória e da identidade cultural da cidade. O desenho a grafite, propositadamente sem cores, remete a um passado que se torna cada vez mais distante – presente por enquanto na memória dos que viveram as praias naturais do rio Tocantins e nas fotos reunidas pelo perfil do *Facebook* resgatado pela professora de português – mas que insiste em ser lembrado através da página ativa na rede social e na releitura de Lídia Emanuely Rodrigues, de 18 anos, que se remete à foto postada por Herton Brito no dia 01 de julho de 2023 (Figura 5).

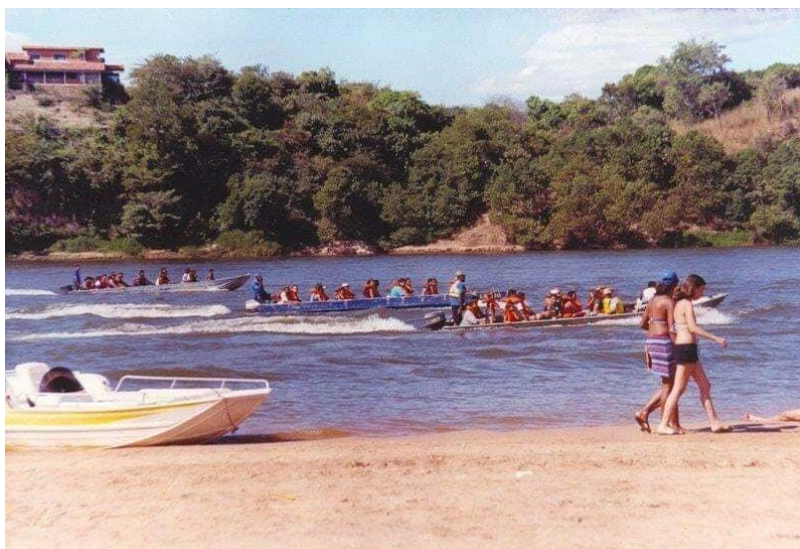


Figura 5. Fonte: Facebook – Revivendo Porto Nacional. Herton Brito 01/07/2023.

O envolvimento dos estudantes revelou um processo formativo consistente e significativo, que vai além da atividade pontual de produção artística e de redação. A participação no movimento de resgate da memória sobre a formação do lago – articulada a momentos de pesquisa, discussão e oficinas – possibilitou a construção de um conhecimento situado, crítico e sensível. Ao investigarem os impactos da implantação da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, os alunos não apenas acessaram informações históricas, mas também estabeleceram conexões com o território e com as narrativas de deslocamento e transformação vividas por comunidades locais. Esse percurso evidenciou uma aprendizagem ativa, na qual a produção estética se ancorou em repertório teórico e vivencial, fortalecendo a consciência histórica, a capacidade de análise e o posicionamento crítico diante de questões socioambientais que atravessam a realidade dos próprios alunos.

### 3. A Contribuição do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro) com a Produção dos Cianótipos

Mencionamos nas seções anteriores que o curso de extensão "Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados" é a implementação de uma das metas previstas no projeto "Poéticas e políticas do fim na América Latina contemporânea" e, justificados os objetivos de ambos, cabe agora explicar a transposição das imagens produzidas pelos alunos das escolas Ana Macedo e Costa e Silva em cianótipos.

A técnica, também conhecida por cianotipia, foi descoberta por Sir John Herschel em 1842, quase por acaso, "três anos depois de Louis Daguerre e Henry Talbot terem anunciado suas invenções independentes da fotografia em prata, utilizando suportes de metal e de papel, respectivamente" (Ware, 1998, p.371-<sup>9</sup> tradução nossa). Enquanto Talbot estava preocupado em reproduzir imagens, Herschel, por sua vez, estava mais interessado em compreender o processo fotoquímico; por isso, sua técnica utiliza uma reação química provocada pela ação da luz sobre uma mistura de citrato férrico amoniacal e ferricianeto de potássio, que na exposição aos raios solares gera um pigmento azul que pode ter a intensidade mais clara ou mais escura de acordo com o tempo da exposição solar e a quantidade de química do papel sensibilizado. Atualmente, a cianotipia é um recurso utilizado em diferentes áreas (Saéz, 2016) e seu caráter artesanal é crucial para os adeptos das práticas fotográficas tradicionais enfrentarem a proliferação da tecnologia digital (Lulu Hu, 2022).

No que tange ao nosso interesse, esclarecemos que a escolha da técnica se deu devido ao fato de ela atender às relações de tempo e espaço que fundamentam nossa proposta. Embora a essência da fotografia seja capturar a realidade, existem grandes diferenças entre o uso de uma câmera digital, que proporciona imediatismo e controle sobre a imagem final, e a realização do ato de transpor um desenho próprio a uma técnica em cujo processo subjaz a magia da revelação e que problematiza a ideia de fim, uma vez que, "a cianotipia encontra-se obsoleta (ou extinta) comercialmente, o que leva seus produtos, os cianótipos, a se situarem no limbo, entre a existência e a extinção ou entre a memória e o esquecimento" (Cardoso et al., 2023, p. 20). Ademais, a cianotipia, chama "a atenção para as relações entre questões ambientais e sociais tornadas visíveis no jogo entre o que se perde, o que se registra e como se registra" (Cardoso et al. 2023, p. 21). Por isso, essa etapa da transposição foi pensada para ser realizada com os próprios

---

<sup>9</sup> Nota: No original: "*three years after Louis Daguerre and Henry Talbot had announced their independent inventions of photography in silver, using metal and paper substrates, respectively*".

estudantes das escolas e professores envolvidos no curso de extensão, através da matéria-prima previamente preparada e enviada por Alexandre da Silva Antunes, professor de química do Colégio Pedro II, campus São Cristóvão, integrante do projeto. Infelizmente, houve um atraso na entrega do material por parte dos Correios e a oficina de cianotipia não pôde acontecer, conforme previsto originalmente, como parte da programação do II *Seminário Poéticas e políticas do fim na América Latina Contemporânea*, sediado no campus da UFT em Porto Nacional, poucas semanas depois do último encontro do curso nas escolas. O atraso do material, assim como e o caráter perecível dos componentes químicos que faziam parte dele, fez com que a professora Rejane Ferreira, da UFT, responsável pelo curso de extensão, realizasse o processo sozinha. De todo modo, é possível perceber nas imagens a seguir qual foi resultado da transposição dos desenhos dos alunos mostrados nas seções 1 e 2 deste relatório. Observem como a intensidade do azul Prússia, característico da técnica, não é a mesma em todas as imagens, mesmo que elas tenham sido produzidas sob as mesmas condições de iluminação.



### Considerações Finais

O *feedback* das escolas aparece ao final do relato a respeito de cada uma, mas juntas ambas compõem uma parte de algo ainda maior. Assim, reunimos aqui as

impressões obtidas da nossa participação no projeto, a qual audaciosamente representa o norte do Brasil no mosaico que está sendo formado por pesquisadores de instituições de diferentes regiões brasileiras e das regiões metropolitanas de Santiago e Valparaíso, no Chile, conforme apresentamos na introdução. Se por um lado, o curso quis explorar as noções de crise e de fim no contexto mundial para depois afiná-las gradualmente para a América Latina, Brasil, até chegar à cidade de Porto Nacional, Tocantins; por outro, inviabilizava o aprofundamento temático dessas esferas, devido ao seu próprio caráter de extensão e a pequena quantidade de aulas. Assim, as obras literárias selecionadas foram apresentadas de forma panorâmica.

Naturalmente, o romance *Chilco*, de Daniela Catrileo, despertou muito interesse nos professores das escolas que quiseram saber mais sobre o Chile, país que sequer havia sido visitado por eles. A coletânea de poemas, *O gosto amargo dos metais*, de Prisca Agustoni denunciou como o passar do tempo e a distância geográfica interferem na crença e no ceticismo sobre a ação do Antropoceno no planeta. A partir dos versos de Agustoni, rememoramos as tragédias de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), no estado de Minas Gerais, quando barragens de dejetos tóxicos de mineradoras foram rompidas e ocasionaram impactos socioambientais. Poucos professores das escolas se lembravam do que havia acontecido, alguns nem sabiam que se tratava de ocorrências diferentes e não se lembravam de nada que pudesse ter impactado suas vidas. Em contrapartida, a enchente do Rio Grande do Sul ainda estava na memória de todos, por mais que esse estado esteja muito mais longe do Tocantins que Minas Gerais. Isso pode ser explicado por alguns fatores, o primeiro e mais óbvio é o fato de ter ocorrido em 2024, um ano antes da realização do curso de extensão. O segundo motivo é a grande concentração de gaúchos em Porto Nacional, que imigraram atraídos pelo agronegócio, traçando amizade e conhecimento com os tocantinenses. Apesar de não termos acesso a dados demográficos comprovatórios, é notável a quantidade sobressalente de gaúchos em relação a mineiros no dia a dia dos moradores de Porto Nacional. A catástrofe do Rio Grande do Sul moveu os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), as igrejas, as escolas, os grupos de WhatsApp que atingiram no *corpo-a-corpo* a sensibilidade dos tocantinenses de um jeito bem mais eficaz que as mídias e redes sociais, as quais, por sua vez, já tinham mais alcance em 2024 do que nove, que nove anos antes, quando Mariana foi atingida. Ademais, a enchente do Rio Grande do Sul cobriu quase todas as cidades do estado de uma só vez, enquanto os ocorridos de Mariana e Brumadinho estavam separados por um intervalo de quatro anos, e essas são apenas duas cidades de um estado cuja extensão territorial está acima do dobro

do tamanho do Rio Grande do Sul. Outra tragédia recente retomada nessa aula do curso, que comprovou a nossa percepção de que o tempo e o espaço interferem na crença ou no ceticismo sobre a ação do Antropoceno, foi o colapso da ponte JK, que ligava o estado do Tocantins ao Maranhão, em dezembro de 2024, provocando a queda de vários veículos no rio Tocantins – dentre eles um caminhão carregado de agrotóxicos que contaminou as águas do rio e comprometeu a busca dos corpos das vítimas. Esse era um caso, que todos se lembravam, alguns professores, inclusive ainda acompanhavam a repercussão do ocorrido, mesmo meses depois.

Os poemas de *O porto submerso*, por sua vez, cumpriram a função de despertar o olhar para o contexto local, através do recorte de Pedro Tierra. Foi também a obra escolhida pela maioria dos professores das escolas, como foi registrado nas sessões um e dois deste relatório. Percebemos, portanto, que o curso de extensão "Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados" atingiu os objetivos esperados tanto por sua proposta particular de interação entre a UFT e as escolas públicas de Porto Nacional, quanto pela proposta internacional do projeto ao qual ele está vinculado. Um único objetivo escapou do nosso alcance: a execução da oficina de cianotipia com a participação dos professores e alunos voluntários das escolas, devido ao atraso dos Correios na entrega do material, que fora despachado do Rio de Janeiro. Considerando que o material preparado pelo professor Alexandre Antunes Colégio Pedro II só foi possível graças ao custeio disponibilizado pelo CNPq e esse recurso é limitado, a oficina não poderá ser realizada por essas escolas dentro do projeto "Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea", que já subsidiou uma oficina semelhante em 2024, em Niterói, Rio de Janeiro, com a participação dos alunos de licenciatura em Letras da Universidade Federal Fluminense, e subsidiará a próxima oficina a ser realizada, em 2026, na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, por intermédio da professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), integrante do projeto. A realização das três oficinas em diferentes regiões do Brasil visa compreender os modos como cada uma delas compreende e representa os diversos fins característicos do Antropoceno, além de oferecer, na prática, a conjunção entre as ciências, as artes e a produção textual. Por esse motivo, a professora Rejane Ferreira, da UFT, realizou sozinha as transposições das atividades dos alunos das escolas para os cianótipos. É importante registrar que neste relatório, por causa da limitação do espaço e da sua natureza textual, mostramos apenas algumas das atividades, contudo o portfólio final do projeto deverá conter essas e outras produções. A experiência

do curso de extensão e as vantagens da cianotipa para a escola, no entanto, poderão ser replicadas em outras instâncias com o auxílio de outros editais de fomento, no futuro.

## Referências

AGUSTONI, Prisca. **O gosto amargo dos metais**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº. 14.926 de 17 de julho de 2024**. Altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília. Câmara dos Deputados, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14926-17-julho-2024-795975-publicacaooriginal-172450-pl.html>. Acesso em 02 de abril de 2026.

GAN, Elaine; BUBANDT, Nils; SWANSON, Heather; TSING, Anna. (Orgs.). **Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

CARDOSO, André et al. **Poéticas e políticas do fim na América Latina Contemporânea**. Projeto em cooperação internacional. Niterói/Santiago/Viña del Mar, 2023.

CATRILEO, Daniela. **Chilco**. Santiago de Chile: Planeta Publishing, 2024.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundos por vir?: ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis; São Paulo: Cultura Barbárie e Instituto Socioambiental, 2017.

FERREIRA, Rejane de Souza. The early king & the kid in yellow: uma versão pós-apocalíptica da Irlanda. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 76, n. 2, p. 157–180, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/92229>. Acesso em: 16 out. 2025.

GOMES, Anderson S. Subjetividade verde: ficção e identidade em *The Overstory*. **Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 6 n. 4, 146-167. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10369> Acesso: 16 out. 2025.

HARAWAY, Donna. **Staying With the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

HU, Lulu. Design and application of cyanotype technology in cultural and creative products. **BCP Social Sciences & Humanities**, v. 18, p. 194–198, 2022. Disponível em: <https://bcpublication.org/index.php/SSH/article/view/975/979>. Acesso em: 16 fev. 2026.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Trad. Marylua Meyer. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu; Ateliê de Humanidades, 2020.

REVIVENDO Porto Nacional. **Facebook**. Porto Nacional. [ Postagem de Herton Brito]. 01 jul. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1495454007349171/>. Acesso em 12 de junho de 2025.

SAÉZ, María del Carmen M. **Aplicaciones didácticas de la cianotipia en la educación artística: un proceso compatible con el medio ambiente**. *ArDIn: Arte, Diseño e Ingeniería*, 2016.

SANTOS, Márcia Maria. **Educação ambiental para o ensino básico**: percursos formativos. São Paulo: Contexto, 2023.

STENGERS, Isabelle. Gaia, the Urgency to Think (and Feel). In: **Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra**, 2014, Rio de Janeiro: Anais eletrônicos. Disponível em: <<https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/isabelle-stengers.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2026.

TREXLER, Adam. **Anthropocene Fictions**: The Novel in a Time of Climate Change. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

TIERRA, Pedro. **O porto submerso**. Brasília: Brisa, 2005.

TSING, Anna L. **The Mushroom at the End of the World**: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

WARE, Mike. **Herschel's cyanotype: invention or discovery?** *History of Photography*, v. 22, n. 4, inverno 1998. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273293869\\_Herschel's\\_Cyanotype\\_Invention\\_or\\_discovery](https://www.researchgate.net/publication/273293869_Herschel's_Cyanotype_Invention_or_discovery). Acesso em: 16 fev. 2026.

ZALASIEWICZ, Jan et al. **The Anthropocene**: a new epoch of geological time?. *Philosophical Transactions of The Royal Society*, v. 369, p. 835-841, 2011.